

GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇAS

TEORIA E PRÁTICA

Luciana Aguiar



GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇAS

Teoria e prática

Copyright© 2014 by Luciana Aguiar

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Saete Del Guerra**

Capa: **Buono Disegno**

Imagem de capa: **Gwoeii/Shutterstock**

Projeto gráfico: **Acqua Estúdio Gráfico**

Diagramação: **Triall**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução.....	11
1. Origens e desenvolvimento da psicoterapia infantil	15
Introdução	15
O surgimento do significado moderno de infância	16
As contribuições da psicanálise	18
A perspectiva existencial-fenomenológica em psicoterapia infantil	23
2. A concepção de ser humano em Gestalt-terapia.....	25
A importância de uma concepção de homem e de mundo para a prática clínica	25
A concepção de ser humano em Gestalt-terapia.....	27
Implicações para a prática clínica.....	34
3. O desenvolvimento do ser humano na perspectiva da Gestalt-terapia	45
Gestalt-terapia e psicologia do desenvolvimento: uma articulação possível?.....	45
Estabelecendo uma compreensão gestáltica do desenvolvimento	49
O processo de desenvolvimento	55
4. A família na perspectiva gestáltica.....	69
A família como totalidade autorregulada	69
A família como totalidade contextualizada.....	72
A função da família.....	73
O papel da confirmação	76
5. Funcionamento saudável e não saudável em Gestalt-terapia.....	81
O sintoma como ajustamento criativo.....	81
As funções de contato	85
Os mecanismos de evitação de contato ou ajustamentos evitativos (mecanismos neuróticos)	86

6. A compreensão diagnóstica em Gestalt-terapia com crianças	91
O diagnóstico em Gestalt-terapia.....	91
A metodologia fenomenológica da investigação	97
Iniciando a psicoterapia.....	99
Sessões iniciais	105
Sessões de devolução.....	136
O informe psicológico.....	144
7. O processo terapêutico em Gestalt-terapia com crianças.....	149
O método fenomenológico.....	150
Princípios terapêuticos básicos.....	163
O espaço terapêutico.....	180
Os recursos lúdicos.....	184
Recursos técnicos	188
8. O trabalho com os responsáveis e a escola.....	195
O acompanhamento dos responsáveis.....	196
Sessões conjuntas	204
Sessões familiares	206
As visitas à escola.....	208
9. O término da psicoterapia	
Os terminos precoces: interrupções do processo terapêutico.....	211
Os terminos terapêuticos	222
10. A formação do Gestalt-terapeuta infantil.....	229
Conteúdo programático específico.....	231
A importância da teoria.....	233
Psicoterapia pessoal e supervisão.....	235
A metodologia.....	238
Características do formador.....	240
Considerações finais	243
Referências bibliográficas.....	245
Anexo 1 – Roteiro de anamnese	253
Anexo 2 – Modelo de contrato terapêutico	255
Anexo 3 – Modelo de laudo.....	258
Anexo 4 – Sugestões de livros para o espaço terapêutico	263

PREFÁCIO

A abordagem gestáltica lida com a totalidade do ser em situação... Assim, texto e contexto são fundamentais para a compreensão do ser humano.

A Gestalt foi apresentada ao mundo dentro do movimento histórico da contracultura, portanto expressões como “flexível” e “intuitiva” sempre foram usadas para definir essa abordagem. Luciana Aguiar pontua que essas palavras podem ser empregadas, por vezes, “como explicação para uma prática pouco competente”, mas flexibilidade e intuição (sobretudo intuição fenomenológica) são elementos indispensáveis no encontro terapêutico. Contudo, assim como a flexibilidade pode encobrir a falta de competência, é bom lembrar que a rigidez pode encobrir a insegurança, levando à repetição do já conhecido. Lidar com o humano, com a diversidade, sem seguranças formais é sempre incerto. A ansiedade é inevitável quando nos aventuramos no território desconhecido, deixando-nos guiar pelo que acontece – precisamos ir com muito cuidado!

É isso que Luciana faz o tempo todo no desvelar de sua maturidade profissional. Ela propõe “uma articulação contínua entre teoria e prática numa interlocução contínua figura/fundo”. As partes se fundem, mas não se confundem. Elas continuamente semeiam a reflexão numa “dialética sem síntese”. É dessa forma que Luciana perpetua o estado de interrogação e o respeito pelo indivíduo na sua diversidade. Ela mostra as especificidades e a importância da psicoterapia infantil na abordagem gestáltica e se recusa a tratá-la sob o rótulo de “apêndice”. Além disso, faz um alerta aos psicoterapeutas: “Não somos especialistas”, somos humanos falíveis e passíveis de erros. Alerta esse que é sempre bom ter presente, já que a relação terapêutica se dá no mundo das sutilezas e não das certezas.

No decorrer dos capítulos, Luciana discorre sobre questões fundamentais, como a leitura do desenvolvimento da criança em Gestalt, para isso se valendo das contribui-

ções de outros profissionais também dedicados a essa tarefa. Ela escreve sobre a compreensão diagnóstica em psicoterapia levantando com pertinência questões importantes, como a demanda em psicoterapia de crianças. Um capítulo primorosamente organizado que faz jus às suas importantes contribuições!

Além disso, no transcorrer dos temas abordados, a autora nos mostra detalhadamente a consistência do seu suporte teórico e metodológico ao oferecer uma profusão de exemplos, que permitem reafirmar e revisitar os conceitos vistos na prática.

Assim, eu diria que ela nos dá o “mapa da mina”, embora saibamos que o “tesouro” não está disponível, a não ser que o leitor (psicoterapeuta) esteja disposto a se envolver para “mastigar”, assimilar e assim dar início à viagem na busca pelo seu estilo pessoal, esse sim o grande tesouro.

Enfim, foi um prazer ler esta obra, que já se transformou em um excelente companheiro de “viagens profundas”, que fazem da Gestalt-terapia uma abordagem da qual nos orgulhamos mais a cada dia!

Obrigada, Luciana, pelo seu “presente”.

Maria Cristina Frascaroli

Mestre em Psicologia pela Universidade Sorbonne e Gestalt-terapeuta

INTRODUÇÃO

A Gestalt-terapia vem obtendo gradativamente acentuado destaque no cenário da psicologia clínica, e tem se mostrado um meio efetivo de trabalho psicoterapêutico com crianças.

Porém, observamos que na literatura disponível sobre a área ainda são poucos os autores, tanto no Brasil quanto no exterior, que se dedicam ao estudo e à sistematização de um trabalho psicoterapêutico com crianças dentro de uma perspectiva gestáltica. Até a publicação da primeira edição deste livro, em 2005, destacavam-se, no Brasil, os estudos realizados por Cardoso (1995) e Fernandes et al. (1995, 1998, 2000) e as contribuições de Zorzi (1991), Zanella (1992) e Vignoli (1994).

No exterior, as tentativas mais conhecidas de sistematização da Gestalt-terapia com crianças foram gradativamente deslocando sua ênfase dos aspectos técnicos (Oaklander, 1978, 1982) para uma vinculação do processo terapêutico aos seus conceitos básicos (Carrol, 1996; Cornejo, 1996; Oaklander, 1992, 1994).

O conhecido e clássico trabalho de Violet Oaklander – *Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes* – se constituiu em uma referência em Gestalt-terapia com crianças. Porém, apesar de ser um excelente compêndio de recursos lúdicos e técnicas facilitadoras, não nos oferece um contexto suficientemente coerente e seguro para sua aplicação. Sem um arcabouço teórico que dê sentido à condução do processo terapêutico e ao uso das técnicas apresentadas, estaremos apenas propondo atividades que poderiam ser realizadas em qualquer outro contexto que não fosse o espaço terapêutico e, portanto, sem os benefícios específicos oriundos desse espaço e de uma concepção gestáltica de homem e de mundo.

De fato, o que observamos durante muitos anos foi um movimento de apreensão das denominadas técnicas gestálticas por inúmeros psicoterapeutas e, infelizmente, o

uso indiscriminado e pouco fundamentado, reduzindo a Gestalt-terapia com crianças a uma mera compilação de técnicas.

Em seus trabalhos posteriores, Oaklander (1997, 2007) iniciou algumas articulações entre suas propostas técnicas e alguns objetivos básicos da psicoterapia com crianças sob uma perspectiva gestáltica, tal como ajudar a criança a reconhecer as próprias necessidades, o desenvolvimento de autossuporte, o trabalho com as introjeções e a facilitação da emergência de sentimentos, como tristeza e raiva, por meio da projeção.

Da mesma forma, aqui no Brasil, uma tímida porém crescente onda de publicações surgiu, em consonância com um maior investimento da comunidade gestáltica brasileira na produção escrita e em fóruns de publicação e documentação dos trabalhos produzidos pelos Gestalt-terapeutas. Destacamos as contribuições de Soares (2001), Costa (2002), Zanella (2004, 2010) e Antony (2004, 2006, 2010, 2012), entre outros, além de trabalhos de conclusão de curso de alunos de formação e especialização em Gestalt-terapia, fazendo revisões de literatura ou discutindo um ou outro aspecto da teoria e da prática clínica com crianças. Mais recentemente, Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012), em uma obra cuja proposta central não é voltada para a clínica com crianças, nos trazem um ponto de vista inédito acerca do desenvolvimento infantil com base na teoria do *self* proposta originalmente por Perls, Hefferline e Goodman (1997).

Desse modo, na última década, passamos de um quadro propiciador de distorções e apropriações indevidas, com o exercício de uma prática dita “flexível” e “intuitiva”, para um cenário mais animador no que diz respeito à fundamentação teórica do trabalho clínico com crianças.

Apesar de alguns anos terem se passado desde a publicação inicial deste livro, continuamos acreditando na importância do trabalho incansável no sentido da articulação dos pressupostos teóricos fundamentais da Gestalt-terapia – visão de homem e de mundo, concepção de desenvolvimento e de funcionamento saudável e não saudável – com suas possibilidades de intervenção prática. Estamos falando de visão de homem e de mundo articulada com uma metodologia, de teoria articulada com a prática, pois entendemos que a teoria desvinculada da prática acaba por virar conhecimento vazio e, por sua vez, a prática sem teoria corre o risco de se tornar “achismo” ou “receita de bolo”, sem nenhum “para quê” que embase seu uso.

Este livro constitui-se numa tentativa pessoal de articulação entre o que consideramos os dois pilares de uma abordagem psicoterapêutica: teoria – visão de homem e de mundo – e prática – metodologia de trabalho. Uma sempre implicando a outra. A técnica tem seu lugar, mas neste livro aparece vinculada à teoria. A partir da ideia de arti-

culação, chamamos a atenção para o fato de o livro não estar organizado em dois blocos separados e estanques – teoria e prática –, mas numa interlocução contínua entre ambas, num jogo contínuo de figura e fundo, no qual os capítulos predominantemente teóricos implicam exemplos práticos, enquanto os predominantemente práticos remetem à fundamentação teórica.

As contribuições oferecidas mais recentemente pelos colegas Gestalt-terapeutas vieram como resposta ao convite inicial feito no sentido do diálogo e do desenvolvimento de novos aspectos. Ao revisarmos o livro para a nova publicação, optamos por não introduzir nenhum dos aspectos desenvolvidos, discutidos e publicados nesse espaço de tempo, pois tal empreitada demandaria pelo menos mais dois capítulos no corpo do livro, com a explanação, avaliação e discussão acerca das contribuições e de suas possíveis ilustrações práticas.

Optamos então por fazer referências em notas de rodapé às contribuições recentes sobre o assunto abordado, de modo que o leitor possa buscar na fonte o que tais autores produziram.

Destacamos também o uso diversificado de termos para um mesmo conceito presentes na literatura da Gestalt-terapia, a fim de não “engessar” a nomenclatura em função de determinado autor. Um exemplo disso é o emprego variável dos termos “evitação de contato”, “bloqueio de contato”, “interrupção de contato” ou “mecanismos neuróticos”, “ajustamentos neuróticos”, “ajustamentos evitativos” e “resistências”.

O último ponto a ser observado é que, de forma compatível com a maior parte da literatura gestáltica produzida até então, neste livro versaremos exclusivamente sobre a clínica da neurose em crianças. Conforme já apontado por Perls, Hefferline e Goodman (1997) e desenvolvido por Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012), outras modalidades de interrupção do processo de contato se diferenciam da modalidade neurótica, tanto no que se refere à compreensão como à atuação do psicoterapeuta, sendo convites para a produção de novos trabalhos daqui por diante.

A autora

1 ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DA PSICOTERAPIA INFANTIL

Introdução

O trabalho psicoterapêutico com crianças teve início no século XX com as contribuições da abordagem psicanalítica (Freud, 1980a; Klein, 1981; Mannoni, 1981, 1983; Winnicott, 1975, 1978) e se desenvolveu ao longo dos últimos 50 anos no bojo de outras abordagens do ser humano, particularmente por meio da abordagem centrada na pessoa (Rogers, 1978; Axline, 1982, 1984, 1986) e, mais recentemente, da Gestalt-terapia (Oaklander, 1994, 2007; Carrol, 1996; Cornejo, 1996; Aguiar, 2001; Crocker, 2001; Lampert, 2003; Cardoso-Zinker, 2004; Antony, 2006, 2010, 2012).

Para que possamos falar da Gestalt-terapia com crianças, precisamos localizá-la nesse cenário mais amplo da psicoterapia infantil, distinguindo-a das demais abordagens, contextualizando seu surgimento e assinalando sua forma de tratar as questões básicas relativas à psicoterapia com crianças que foram introduzidas ao longo do último século pelas principais abordagens psicoterápicas do ser humano.

Os diversos termos que utilizamos frequentemente para designar o trabalho psicoterapêutico com crianças – como ludoterapia, psicoterapia infantil e psicanálise infantil – costumam gerar confusões no que diz respeito ao referencial teórico e à metodologia que abarcam. Não raro, observamos sua utilização de forma indiscriminada, o que aumenta a probabilidade de interpretações generalizantes acerca das *diferentes* abordagens de trabalho psicoterapêutico com crianças que cada uma delas encerra.